
Pandemia da COVID-19 para o povo Xavante da aldeia de São Marcos (MT): relatos de uma liderança indígena ¹

COVID-19 pandemic for the Xavante people of the village of São Marcos (MT, Brazil): reports from an indigenous leadership

La pandemia de COVID-19 para el pueblo Xavante de la aldea de São Marcos, estado do Mato grosso, Brasil: relatos de un líder indígena

Cristóvão Tsereroodi Tsoropre *

Lorraine Gomes da Silva ** 

Edevaldo Aparecido Souza *** 

Resumo

Esse artigo é fruto da pesquisa de mestrado realizada em 2020/2021 e defendida em 2022, sobre os processos e consequências socioculturais provocadas pela COVID-19 para o povo Xavante, em particular para as famílias que vivem na aldeia São Marcos no estado do Mato Grosso, Brasil. A COVID-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade, decretada como pandemia global. Teve início em 2019 na China, esse vírus matou milhares de pessoas no mundo, sobretudo, povos indígenas, comunidades tradicionais, moradores de rua, pobres e grupos sociais vulneráveis e mais expostos a doença. A autoetnografia foi o método utilizado para a realização dessa pesquisa e teve como metodologia a escrivência composta por narrativas do Autor/Escritor, baseadas em sua memória, na de seu povo e experiências de vida. Dados da APIB de junho de 2022, mostra que no Brasil foram mais de 72 mil indígenas contaminados; 1312 mortes e 162 povos afetados, mais de 50% dos povos diretamente atingidos pela pandemia da

* Mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás, câmpus Cora Coralina/PPGEO.
E-mail: tsipresdb@yahoo.com.br

** Orientadora da Pesquisa. Doutora em Geografia. Professora da Universidade Estadual de Goiás, câmpus Cora Coralina, da licenciatura e mestrado em Geografia – PPGEO. E-mail: lorranegomes@gmail.com

*** Co-orientador. Doutor em Geografia. Prof. da Universidade Estadual de Goiás, câmpus Sudoeste, da licenciatura e mestrado em Geografia – PPGEO. E-mail: ediueg@gmail.com

¹ A pesquisa foi realizada em forma de áudio, anotações e fotografias feitas pelo pesquisador. Os professores orientadores realizaram um trabalho de campo na Terra Indígena São Marcos (MT) em conjunto com o pesquisador, após a pandemia (09/2022) e contribuíram na transcrição dos áudios em texto já que o Programa não aceitou o trabalho de áudio visual por não estar previsto no regimento essa modalidade de pesquisa.

COVID-19. Para o povo Xavante, sujeitos dessa pesquisa, foram 79 indígenas mortos e na aldeia São Marcos, *locus* da investigação 18. Essas mortes para os povos indígenas refletem diretamente na cultura de cada povo. Este cenário evidenciou também a negligência do Estado no combate à pandemia, principalmente o descaso com a saúde indígena. Autores como Ellis (2004), Santos (2007), entre outros compuseram a escrita.

Palavras-chave: povo Xavante; pandemia; COVID-19; cultura.

Abstract

This article is the result of master's research carried out in 2022 on the socio-cultural processes and consequences caused by COVID-19 for the Xavante people, in particular for the families living in the São Marcos village in the state of Mato Grosso, Brazil. COVID-19 is an acute respiratory infection caused by the SARS-CoV-2 coronavirus, which is potentially serious, highly transmissible and has been declared a global pandemic. It began in 2019 in China, and this virus has killed thousands of people around the world, especially indigenous peoples, traditional communities, homeless people, the poor and vulnerable social groups most exposed to the disease. Autoethnography was the method used to carry out this research and its methodology was the writing experience, made up of narratives by the Author/Writer, based on his memory of his people and life experiences. APIB (Brazilian Articulation of Indigenous People) data from June 2022 shows that in Brazil more than 72,000 indigenous people have been contaminated; 1,312 deaths and 162 peoples affected, more than 50% of the peoples directly affected by the COVID-19 pandemic. Among the Xavante people, participants in this research, 79 indigenous people died and in the village of São Marcos, the locus of the investigation, 18 people died. These deaths for indigenous peoples have a direct impact on their culture. This scenario has also highlighted the state's negligence in combating the pandemic, especially its disregard for indigenous health. Authors such as Heider (1975); Ellis and Bochner (2000); Barthes (1976), among others, provided the theoretical and methodological context for this research.

Keywords: Xavante indigenous people; pandemic; COVID-19; culture.

Resumen

Este artículo es el resultado de una investigación de maestría realizada en 2022, sobre los procesos socioculturales y las consecuencias causadas por el COVID-19 para el pueblo indígena Xavante, en particular para las familias que viven en la aldea de São Marcos, en el estado de Mato Grosso, Brasil. COVID-19 es una infección respiratoria aguda causada por el coronavirus SARS-CoV-2, potencialmente grave, altamente transmisible y declarada pandemia mundial. Comenzó en 2019 en China, y este virus ha matado a miles de personas en todo el mundo, especialmente a pueblos indígenas, comunidades tradicionales, personas sin hogar, pobres y grupos sociales vulnerables más expuestos a la enfermedad. La autoetnografía fue el método utilizado para llevar a cabo esta investigación y su metodología fue la "escrevivencia", compuesta por

narraciones del Autor/Escritor, basadas en su memoria, la de su pueblo y sus experiencias de vida. Datos de la APIB de junio de 2022 muestran que en Brasil más de 72.000 indígenas han sido contaminados; 1.312 muertos y 162 pueblos afectados, más del 50% de los pueblos directamente afectados por la pandemia de COVID-19. Para el pueblo Xavante, objeto de esta investigación, murieron 79 indígenas y en la aldea São Marcos, locus de la investigación 18 morieron. Estas muertes para los pueblos indígenas reflejan directamente la cultura de cada Pueblo. Este escenario también puso de manifiesto la negligencia del Estado en la lucha contra la pandemia, especialmente su desprecio por la salud indígena. Autores como Heider (1975); Ellis y Bochner (2000); Barthes (1976), entre otros, proporcionaron el contexto teórico y metodológico para esta investigación.

Palabras clave: pueblo indígena Xavante; pandemia; COVID-19; cultura.

Introdução

Eu, Cristóvão Tsereroodi *Tsoropre* sou liderança do povo Xavante da aldeia de São Marcos no estado de Mato Grosso, esse texto fala sobre a pesquisa que fiz em 2020/2021 e defendi em 2022 sobre a pandemia da COVID-19, que causou tanta dor. Fiz esse estudo junto com a minha comunidade da aldeia São Marcos. Assim, trago meu relato de vivência e experiências de como chegou à pandemia aqui e o que as mortes provocaram na nossa cultura.

Estive dando apoio as famílias enlutadas e a minha também. Ajudei nas diversas possíveis curas com raízes e remédios ancestrais. Então, toda a minha participação, todo o meu relato, trazido aqui contém a minha presença e atuação nesse momento de dor. Não apenas vi as coisas acontecendo, eu estava junto, caindo em lágrimas também, por ver os meus parentes indo embora. Isso foi uma dor que todos nós vamos carregar a vida toda, porém nos ensinou muita coisa.

O povo Xavante como é conhecido pelos não indígenas se autodenomina *A'uwe Uptabi* “Gente de Cabeça Vermelha”, povo destemido, que luta sempre. Respeitamos nossos ancestrais, mantemos nossa língua e cultura, nossas práticas, tentamos manter fortes em momentos de tantos desafios. Honramos nosso nome para que esse seja respeitado em todos os lugares.

Eu sou filho de José *Tsoropré*, grande liderança de sua época. Sendo adulto, ele falava a língua portuguesa e eu me espelhava nele. Como pode, sem passar em sala de

aula, saber falar português? Eu me questionava. Essa foi a motivação para eu buscar conhecer também a língua portuguesa e estudar. E esse sou eu, Cristóvão *Tsereroodi Tseropré*, agora educador dentro e fora da minha comunidade, para ensinar do jeito que ele gostaria que fosse.

Muitos valores ainda são mantidos, mas, apesar do esforço para preservar a cultura, muitas coisas ruins estão entrando. E isso acaba trazendo o desrespeito na comunidade, deixando de lado os valores, o tratamento que existe dentro da nossa organização social.

A COVID-19 provocou muitas mudanças por isso escolhi falar sobre ela, além da necessidade que senti enquanto liderança de mostrar para mundo como a pandemia entrou na vida indígena, como lutamos contra ela, como tivemos apoio do estado e de demais instituições e como as mortes foram ruins para nossa cultura. Além disso, também tive a experiência de passar pela doença e sobreviver.

Tive nesse processo consentimento do meu povo, para colocar tudo que está escrito aqui, sabemos o quanto é importante para nós falar, deixar o registro em português, das coisas que acontecem na vida dos indígenas. Já que ainda muitas leis que vivemos amparados são feitas por não indígenas. Por isso, evidenciar os problemas que existem e como passamos por eles é importante para nós, para a Universidade e as demais sociedades saber, conhecer e poder apoiar nossas causas.

Metodologia

A etnografia é um método de estudo e pesquisas da Antropologia, desenvolveu-se no final do século XIX e início do século XX, com o objetivo de descrever os elementos que compõem a cultura dos diferentes povos e ou grupos socioculturais, sua língua, etnia, religião, organização familiar, de trabalho, objetos materiais e imateriais, entre outros.

Realizar etnografia não é somente estabelecer relações, selecionar participantes transcrever textos, levantar genealogias, mapear, anotar em um diário de campo, é um método que exige do pesquisador longos períodos de observação participante, convívio em *lócus* e interação com o ambiente e sujeitos pesquisados.

A proposta de método da presente pesquisa foi a autoetnografia que por sua vez, representa um gênero da etnografia que aprofunda a pesquisa nas múltiplas lacunas da

consciência do indivíduo relacionando-o com o ambiente em que está inserido através da experiência pessoal. O termo autoetnografia vem do grego, auto (self – em si mesmo), ethnos (nação, povo, ou grupo de pertencimento) e grafo (a forma de construção da escrita). Ou seja, a forma de escrever, narrar experiências vivenciadas por um sujeito.

Apesar de pouco utilizada a autoetnografia desde a década de 1970 apareceu nos estudos de Karl Heider (1975) que a utilizou para descrever um estudo em que os membros de determinadas culturas se referiam à sua própria cultura. Além da antropologia que foi a ciência pioneira na utilização desse método, ele está presente nas pesquisas das ciências sociais. Para Santos (2007, p. 219):

O que caracteriza a especificidade do método autoetnográfico é o reconhecimento e a inclusão da experiência do sujeito pesquisador tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa (recursos como memória, autobiografia e histórias de vida, por exemplo) e os fatores relacionais que surgem no decorrer da investigação (a experiência de outros sujeitos, barreiras por existir uma maior ou menor proximidade com o tema escolhido, etc.).

Ellis (2004), destaca a importância da autoetnografia para descrever e analisar as experiências pessoais e culturais de um sujeito ou grupo sociocultural. Adams, Bochner, Ellis (2011), afirmam que a autoetnografia se torna tanto processo como produto da pesquisa, utilizando princípios da autobiografia e da etnografia para compor a escrita e o processo de investigação.

O desafio posto ao pesquisador para realizar a autoetnografia é o de utilizar a autobiografia para acessar conteúdos culturais que transpassam a pessoalidade, potencializando as lentes interpretativas, sem ignorar o papel político do autor em relação ao tema. Nesse sentido, Santos (2007, p. 219), assevera que esse método tem a ver com uma “[...] conexão direta com o reconhecimento do caráter político e transformador que tal método assume ao ‘dar voz para quem fala’ e em ‘favor de quem se fala’”.

A metodologia utilizada foi a observação participante pautada na escrivência e na pesquisa-ação. Gravações de áudio, fotografias e o diário de campo foram procedimentos metodológicos essenciais. Para Goldenberg (1997), a observação participante aparece como possibilidade na tentativa de descrição, explicação e compreensão dos sujeitos pesquisados. Segundo Lüdke e André (1986), a vivência e a observação no lugar são consideradas fundamentais e caracterizam-se pelo contato direto do pesquisador com os sujeitos. Sobre o diário decampo Kock; Godoi; Lenzi (2012, p.04), ressaltam que:

A principal técnica na pesquisa autoetnográfica é o diário de campo – também característico da pesquisa etnográfica – composto de fatos registrados e reflexões do pesquisador. Trata-se de um instrumento fundamental no qual devem constar peculiaridades, pensamentos, impressões pessoais sobre os envolvidos, do cenário, enfim, trazer à tona a subjetividade do contexto através da percepção do pesquisador.

A Pesquisa-ação de acordo com Saquet (2018) tem um caráter político definido com os diferentes sujeitos, produzindo-se conhecimento para eles, em um respeitoso nível de participação e decisão, tendo em vista a conquista do máximo possível de autonomia e auto-gestão

Sobre a pesquisa-ação o sociólogo colombiano Fals Borda (1981) ressalta que criando-se um ambiente de reflexão-ação, sobre os elementos sociais, os conceitos e as vivências a partir da prática, pode-se gerar planejamentos e encaminhamentos sociais e políticos formativos para os povos de base. A práxis com reflexão-ação, leva à validade dos conhecimentos locais e a formação de um paradigma alternativo.

No presente estudo o pesquisador é sujeito constituinte do povo investigado, isso o coloca com mais profundidade no desenvolvimento de uma observação participante e pesquisa-ação contínua e efetiva, o que possibilita narrativas observadas e experienciadas. Para Ellis e Bochner (2000), ninguém melhor para analisar e refletir sobre o estudo que o próprio envolvido. Usar a própria experiência vivida pode servir para melhor descrever um grupo e sua cultura. A riqueza da narrativa, por sua vez, está na capacidade de introspecção.

Tendo como método a autoetnografia, e metodologias a observação participante, pautada na escrivência e na pesquisa-ação, o texto será escrito em primeira pessoa, pois o autor/escritor vivenciou experiências, saberes, emoções, práticas e sentimentos investigados e apresentados.

Resultados

Os Xavante, que se auto denominam *A'uwe (gente)*, formam com os Xerente (*Akwe*), um conjunto etnolinguístico conhecido como *Acuen*, pertencente à família linguística *Jê*, do tronco *Macro-Jê* (GRAHAM, 2021). Os Xavante se dividem em dois

clãs (ou duas metades): *Owawe*, com significado de “rio grande”, e *Poredza'õno*, que representa “girino”, que são complementares².

O povo Xavante está localizado no Planalto Central do Brasil, precisamente entre os rios das Mortes e Xingu no leste do estado do Mato Grosso. Conforme dados do IBGE (2022) a população Xavante é de aproximadamente 19.259.00 indígenas distribuída em cerca de 165 aldeias Xavante espacializadas em 12 (doze) Terras Indígenas (T.Is) no Estado do Mato Grosso. Terras Indígenas: Areões; Chão Preto; *Eterãirebere*; *Huuhi*; *Isoúpà*; Marechal Rondon; *Norotsurã*; *Parabubure*; Pimentel Barbosa; Sangradouro/Volta Grande; São Marcos e *Ubawawe*. Mesmo sendo o mesmo povo, o contexto histórico e geográfico das Terras Indígenas, aldeias e dos modos de vida em cada uma delas são diferentes.

A presente pesquisa foi realizada na Terra Indígena São Marcos que tem uma população de 2.848 habitantes segundo dados internos não divulgados da Saúde Indígena (SESAI, 2022) , 188 mil hectares de extensão, demarcada com o Decreto nº 76.215 de 05 de setembro de 1975. O Mapa 1 mostra a localização da aldeia São Marcos do povo Xavante *locus* da pesquisa.

A Figura 1 mostra uma paisagem parcial da aldeia São Marcos, em um momento comemorativo de danças e rituais.

Nós, povo Xavante da etnia *A'uwe* soubemos pelos telejornais a notícia sobre a COVID-19 no mundo. Iniciou-se no final do ano de 2019 lá da China e nós achávamos que, pela distância, levaria uns dois a três anos para chegar até nós, no nosso território. Surgiram muitas especulações e muitos comentários dentro da comunidade sobre o vírus, uma delas era que não chegaria à Terra Indígena São Marcos-MT, porém, estávamos muito enganados, um vírus mortal, capaz de dizimar os povos no mundo, em especial, nós povos indígenas já estava vindo e não tínhamos conhecimento de como essa doença se alastrava, quais as medidas sanitárias deveríamos realizar, por ser um vírus transmitido pelo ar.

² É importante dizer que o povo Xavante desde 1894 passou pela Congregação de São Francisco de Sales, fundada por São João Bosco em 1859, para a formação da juventude. Os principais destinatários da missão salesiana são os jovens, especialmente os pobres e em situação de risco. Em vista destes destinatários, os trabalham também nos ambientes populares, com atenção aos leigos evangelizadores, à família, à comunicação social, e entre os povos ainda não evangelizados. Portanto, é sabido que essas missões trazem interferências violentas em relação a cultura, crença, ritos e rituais dos povos indígenas.

Mapa 1 - Localização da aldeia São Marcos do povo Xavante

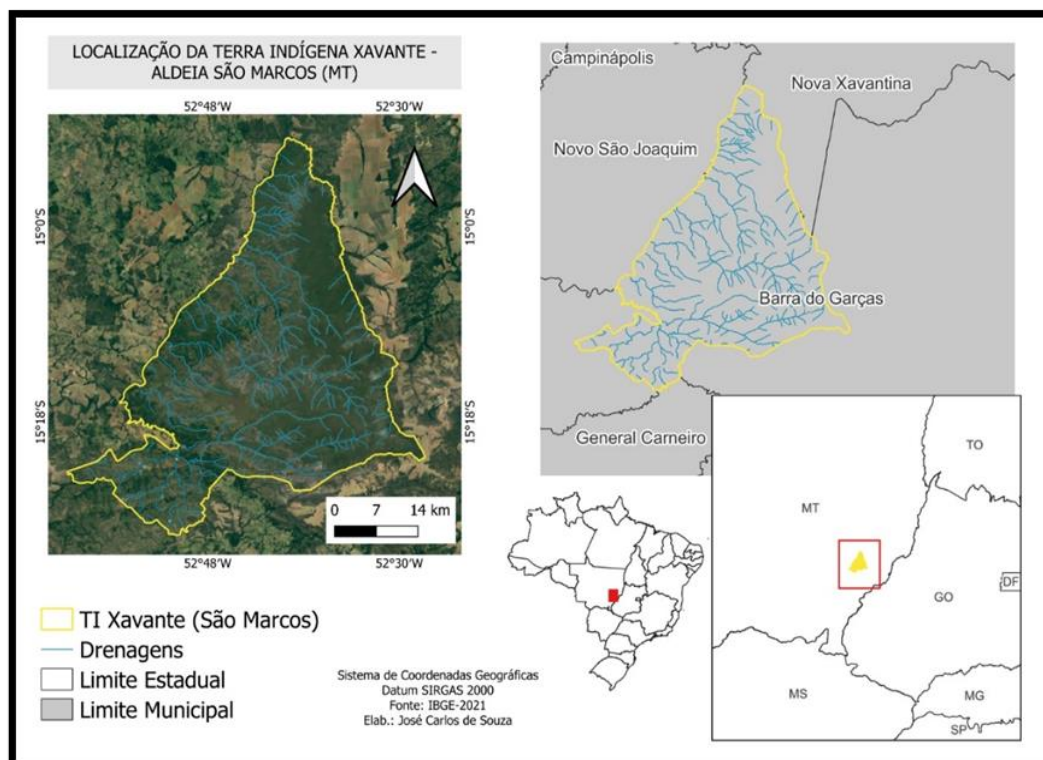


Figura 1 - Aldeia São Marcos



Foto: Cristóvão Tsereroodi Tsoropre, aldeia São Marcos (MT), 2018

Ao sabermos que a pandemia chegou ao Brasil, sentimos medo. Logo que foi diagnosticado o primeiro caso de COVID-19 na região sudeste, sabíamos que o perigo se aproximava de nós, então em maio de 2020 o vírus chegou na aldeia, mas não tínhamos

dimensão do problema, pois os órgãos governamentais não disponibilizavam dados do cenário epidemiológico (número de óbitos e povos afetados pela COVID-19). Mondardo (2020, p. 82) evidencia a real situação do contágio junto aos povos indígenas, ao afirmar que:

A Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI, 2020), do Ministério da Saúde, por meio dos Distritos Sanitários, registrou em 30 de maio de 2020, 1.312 casos confirmados de contágio e 51 óbitos. Em 30 de setembro de 2020, foram registrados 28.510 infectados confirmados e 443 mortes. Mesmo com a evolução dos casos de contágio e de óbitos, a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) afirma que os dados oficiais não retratam a realidade, e que existe subnotificação porque a compilação da SESAI desconsidera as informações sobre indígenas que vivem fora de terras homologadas, o que inclui tanto aqueles que aguardam a finalização do longo processo de demarcação de suas terras em acampamentos ou em áreas retomadas, quanto aqueles que habitam as cidades, além dos indígenas que vivem isolados. Diante desses graves problemas, a APIB realiza o seu próprio levantamento dos casos por meio do Comitê Nacional de Vida e Memória Indígena.

Ainda para Mondardo (2020), com base na APIB (2020), no mês de maio de 2020 foram 1.809 casos “confirmados de contágio, 178 mortes e 78 povos afetados, entre eles o povo Xavante, da aldeia São Marcos. Em setembro de 2020, foram registrados 34.178 casos infectados confirmados, 832 óbitos e 158 povos atingidos” Números mais recentes³ da pandemia, mostram 65.952 casos confirmados e 915 óbitos indígenas em Terras Indígenas. Este cenário evidencia a negligência do Estado no combate à pandemia, principalmente o desleixo com a saúde indígena.

A partir da morte de um parente o qual já apresentava algumas comorbidades, nos acendeu o sinal de alerta, pois muitos de nós estávamos na cidade por termos vínculo de trabalho. Com a notícia da morte de nosso parente voltamos para a aldeia, eu levei todos os alunos indígenas para a comunidade a pedido da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso. Percebemos ali, que a doença não estava de brincadeira.

Neste momento em que surgiram os primeiros casos na aldeia, também passamos por muito preconceito, pois afirmavam que a comunidade estava com muitos casos de COVID-19, ninguém se aproximava mais de nós. A falta de ações de enfrentamento, estimularam as crescentes manifestações de ódio contra os povos indígenas. Os ataques são vistos inclusive por parte de determinadas autoridades (MONDARDO, 2020), como a fala do ex-ministro de Meio Ambiente do Brasil, Ricardo Salles, ao referir ao momento pandêmico como oportuno para a flexibilização

³ Dados disponibilizados no site covid19.socioambiental.org. Acesso no dia 15 de junho de 2022.

das leis ambientais ao utilizar a expressão “passar a boiada”.

Para Gonçalves (2022) estas ações fazem parte de um conflito cuja “centralidade e disputa” estão nos “novos cercamentos”. O autor cita ainda o geógrafo Harvey (2018) para evidenciar este fenômeno no Cerrado a partir de um tripé natural gratuito (terra, água e subsolo) que desperta saques nos territórios originários, dentro de uma lógica neoliberal baseada na propriedade privada.

No contexto pandêmico, até mesmo o efeito *fake news*⁴ foi utilizado para defender os interesses do governo e de parte do empresariado, reforçando um projeto genocida. O conflito de informações nos deixou apavorados, pois a partir da primeira morte, muitos parentes foram diagnosticados e levados para o hospital, alguns foram entubados e não demorava duas semanas a pessoa que estava acometida com a doença, era trazida morta para a aldeia. Quando fechamos a entrada e saída do território, já era tarde, já tínhamos muitos casos da doença.

À luz das reflexões de Haesbaert (2014), estes limites são necessários e soam como formas de proteção das comunidades contra a vulnerabilidade, em momentos em que o território esteja sobre ameaças diversas. Dentre essas, o período pandêmico como o da COVID-19, onde as barreiras sanitárias impediram a circulação de pessoas de fora da aldeia. Conforme o plano internacional citado por Veronese e Almeida (2021, p. 7),

A convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho, OIT, assegura em seu Art. 25, que o direito à saúde dos povos indígenas deve considerar as condições econômicas, geográficas, sociais e culturais, bem como os seus métodos de prevenção, práticas curativas e medicamentos tradicionais. A Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas, aprovada em 2007, em seu At. 24, também garante o direito ao uso dos medicamentos tradicionais, à manutenção de suas práticas de saúde, bem como o direito de usufruir o mais alto nível possível de saúde física e mental. Por fim, a Declaração Americana sobre os Direitos dos Povos Indígenas, aprovada em 2016, igualmente salvaguarda a concretização do direito à saúde indígena de forma particularizada, conforme disposição do Art. XVIII, cabendo aos Estados a promoção de políticas interculturais nos serviços médicos e sanitários prestados às comunidades indígenas.

Nos últimos anos, nosso território apresentou o menor número de indígenas desde o princípio de sua formação e com a COVID-19 reduzimos mais, víamos as pessoas irem embora e não podíamos nos despedir delas. A partir do momento em que nos colocaram restrições para sairmos da comunidade, percebemos que era hora de

⁴ Notícias falsas

fortalecermos nossos saberes, utilizando das ervas medicinais para controle de doenças já existentes na aldeia e para amenizar os efeitos da COVID-19.

Muitas destas ervas são amargas, utilizadas para fazermos sangrias junto com remédios arduos, para pressionar a circulação, uma vez que o vírus atinge diretamente o sistema respiratório e circulatório. Tem-se neste momento a dimensão da necessidade de proteção dos territórios, assim como da preservação e valorização do conhecimento tradicional e da etnobioidiversidade.

Por não recebermos orientações de órgãos da saúde, recorremos à sabedoria do nosso povo, mas ainda assim tínhamos um grande desafio, que era o que permanecermos no território uma vez que dependemos diretamente da cidade para adquirirmos alimentos e para trabalhar. Mesmo com o isolamento, muitos de nós voltaram à cidade.

O isolamento social nos foi muito impactante, pois nosso território já não atendia nossas necessidades, então no período em que ficamos sem sair da comunidade, contamos com doações de cestas básicas, para nos mantermos isolados. Durante este período, permanecemos fazendo atividades coletivas tradicionais vinculadas à cultura do nosso povo.

Em março celebramos a semana santa e o aniversário da aldeia, então nos dedicamos a estas festividades com muita fé de que a pandemia pudesse enfraquecer, mas isso não aconteceu, pois iniciamos abril com duas mortes. Em maio professamos nossa fé à Nossa Senhora Auxiliadora, padroeira da paróquia da comunidade São Marcos.

Assim que as ajudas diminuíram, voltamos às nossas atividades (reforço que não recebemos auxílio de nenhuma instituição do governo para permanecermos isolados). Tudo que nos chegou teve origem nas organizações indígenas. Como afirma Mondardo (2020, p. 86), as frentes de ajuda traçaram estratégias de combate à pandemia, contribuindo com a segurança alimentar das aldeias.

As organizações indígenas regionais e nacionais construíram formas de auto-organização articuladas com as ações de solidariedade, arrecadações, doação de alimentos orgânicos, cestas básicas, distribuição de materiais de higiene para os povos indígenas com organizações aliadas como, por exemplo, com movimentos sociais, como o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), Organizações não governamentais, como o Instituto Socioambiental (ISA), e organizações populares, como a Federação das Organizações Sindicalistas Revolucionárias do Brasil (FOB).

Como parte desta auto-organização articulada, está a campanha “A’ UWE TSARI – S.O.S. XAVANTE” realizada pela Revista Xapuri Socioambiental. A ação iniciou-se

em “24 de junho e até o dia 23 de setembro de 2020, arrecadaram R\$ 372.630,00, dos quais R\$ 289.000,00 foram de doações institucionais e entidades parceiras e R\$ 83.630,00 em contribuições individuais”⁵². Ainda conforme a organização da campanha, todas as famílias que tiveram falecidos em função da pandemia, receberam seis cestas de alimentos, contribuindo inclusive para com os clãs que realizavam o sepultamentos.

Sobre os sepultamentos, quando recebíamos a notícia do falecimento dos parentes, dos irmãos que chegavam às aldeias, tínhamos que pensar no funeral e tudo era feito pelos clãs que são identificados através de pinturas diferentes. Os clãs têm uma relação com o casamento, pois fora dos clãs não há casamento.

Segundo *Tserewara* (2017, p.10), em outros tempos as normas para o casamento tradicional do povo Xavante permitiam apenas a união com outro clã. A Lei não permitia o casamento dentro do mesmo clã. “Existe duas clãs: *ÖWAVE* sign. (Rio Grande) e *POREDZA ÖNO* sign. (Girino); E também a lei proíbe casar com não indígena, mesmo assim, a partir de 2021 existe casamento entre si, mesmo que proibido [...]”.

Esta organização dos clãs também é responsável pelo sepultamento. Isso ocorre quando um ente querido pertence a um dos clãs, então o grupo contrário à família do falecido prepara toda a cerimônia. Em contrapartida, a família do falecido faz doações em reconhecimento aos trabalhos feitos pelo clã responsável pelo sepultamento.

Temos preparo, rituais e ferramentas para abertura das covas. Tudo isso faz parte da cultura de despedida, é um momento difícil para os parentes, então oferta-se sempre aquilo que cada clã tem acesso, não existe exigência de pagamento. Toda a cerimônia é feita com muito respeito. Na pandemia, contamos com a compaixão dos parentes, pois foram muitas mortes consecutivas, as doações vieram de amigos de fora da aldeia para ser ofertado ao clã que realizava os funerais.

O clã contrário à família do falecido também é responsável por outro ritual, o que está diretamente ligado ao tempo de luto. Um pacificador orienta a família do falecido para cessar o luto, para que a família e seu respectivo clã voltem às atividades na aldeia. Isso ocorria quando a morte era consequência de outras enfermidades, mas no período de pandemia do COVID-19, os clãs não conseguiam completar o momento de luto e já vinha outro, pois foram muitas mortes na aldeia, alterando assim, toda a nossa

⁵ Dados encontrados na prestação de contas no site Revista Xapuri Socioambiental (<https://www.captar.info/campanha/sosxavante/>). Acesso em 15 jun. 2022.

cultura. A morte impactou toda a nossa organização sociocultural e sobretudo, do luto.

Com o retorno das atividades, também aumentaram os casos de COVID-19 e o número de mortos na comunidade. Não despedíamos dos nossos parentes, pois saíam doentes da aldeia São Marcos e voltavam em um caixão. Conforme o Relatório Técnico sobre vulnerabilidade do povo Xavante frente a pandemia de COVID-19.

Entre os principais aspectos que evidenciam a vulnerabilidade do povo Xavante no período pandêmico, estão: “a precariedade e a insuficiência de estrutura básica para atendimento da saúde, especificidades socioculturais, perfil epidemiológico e ameaças que provém do entorno e adentram o interior dos territórios Xavante” (RAMOS, 2020).

Diante disso, por mais que as medidas sanitárias dissessem que não podíamos abrir o caixão, quando o falecido chegava na aldeia, os parentes tinham contato com o mesmo, abram o caixão para certificar que era o parente, ou até mesmo para a despedida como sempre ocorreu, portanto, isso aumentou o contágio e as mortes.

Mesmo com o número de casos e óbitos, resistíamos a vacina, pois informações de insegurança transmitidas por parte do governo, assim como as *fake News*, fizeram com que o povo ficasse receoso. Muitos afirmavam que a vacina trazia parte da doença para o corpo adquirir imunidade, e que provocaria muitos efeitos colaterais nas pessoas. O indígena e professor da Aldeia São Marcos, Nicolau *Wadza'atiwe Tsipe*, informou, porque criou-se muitos questionamentos na aldeia sobre a vacina:

Para que vacinar? Estão vacinando nós pra nos curar? Uma pergunta que ficou até agora sem resposta. Quando os profissionais da saúde vacinavam os doentes, não parou de morrer as pessoas da aldeia. Depois que muitos se foram, estamos indo para a quarta dose da vacina”. Eles estão aplicando injeção só para testar a potência da vacina? De todas as doses que nós tomamos a vacina, muitos ainda sentem as dores nos braços das vacinas que tomaram. E outros remédios que foram enviados, talvez isso tem dado efeito... e nisso agradecemos quem enviou isso para as aldeias (TRABALHO DE CAMPO, 2022).

Em meio a muita dúvida, sob pressão dos municípios e dos empregadores, só podíamos voltar as nossas atividades empregatícias se estivéssemos vacinados, então nos vacinamos e observamos que os casos de COVID-19 também diminuiriam. Além da dor provocada por esse momento pandêmico, tivemos que enfrentar os diversos madeireiros que aproveitaram esse momento de vulnerabilidade para invadir nossas terras.

Ainda estamos em choque, buscamos o porquê de nossos parentes terem partido

e nós que sobrevivemos, termos ficado. Perdemos grandes líderes, responsáveis pela condução das tradições culturais e da própria comunidade. Três dos nossos parentes que partiram estavam se preparando para o “ritual de passagem”, “furação de orelha”, foram acometidos pela COVID-19 e vieram a óbito.

Nossos anciãos, curandeiros, pessoas que conheciam muito sobre nossas ervas, foram levadas, deixando sequelas no que se refere à organização social da aldeia. Muitas famílias perderam seus líderes e retomam vagarosamente com muito sofrimento suas vidas. Fizemos de tudo para que a comunidade não se fragmentasse, mas por um aspecto cultural do povo Xavante, quando uma família perde seu líder, este núcleo familiar se junta a outros grupos, em outras aldeias. Assim, na aldeia São Marcos tivemos uma diminuição do número de casas ou aumento do contingente familiar (mais pessoas em cada família, vindas de outras aldeias).

As famílias sabiam que o parente foi levado por esse vírus, porém, quando alguém morre precisa ser feito o funeral, mas, com mortes tão rápidas e de várias pessoas, faltou o tempo de nos organizarmos para que fizéssemos de fato o que eles mereciam na despedida. Além de todo ritual do funeral e enterro, no sétimo dia, a família prepara os demais acessórios que representam que estão em luto: as cordas que serão colocadas no pulso e na perna⁶; a gravata⁷; o corte do cabelo⁸ e a pintura⁹, ainda. Portanto, quando nem se completou o sétimo dia outro parente falecia.

Desse modo, a sequência de ritual do luto foi interrompida, e o sétimo dia ficava a critério da família decidir como seria. Como iriam pintar no sétimo dia, estando no

⁶ As cordas que amarramos no pulso são para que todos sejam protegidas contra o mal e cada material que são usadas se diferenciam de cada ocasião.

⁷ Cada família usa também as penas de aves da qual eles sabem a simbologia delas: os familiares que perdem os pais, eles enfeitam a gravata com penas de águia, aqui termina a nossa dor, vamos olhar para frente agora como uma águia que tem o olhar bem distante. A morte será superada, por que a vida continua, temos que enxergar longe, temos que enxergar o caminho onde temos que percorrer. Essa pena de águia simboliza isso, por isso que os filhos maiores que o pai deixou usam isso, pois assumem o lugar do pai para cuidar dos irmãos menores.

⁸ Cabelos grandes e bem cuidados sempre foram essenciais para o nosso povo. O cabelo grande fica bonito nos rituais, com as pinturas e a gravata. Mas, quando alguém morre em sinal de respeito e carinho raspamos o cabelo, eu tenho que raspar para afirmar que eu estou de luto, aquilo que eu amei tanto, perdi, então, perco também o cabelo. E quando o cabelo vai crescendo aos poucos é sinal de esperança, conforto.

⁹ No sétimo dia a pintura realizada pela família enlutada é a de guerreiro, que significa força e coragem para encarar tudo, mas que mesmo estando com pintura de um guerreiro sou frágil diante da dor, da perda e da morte. Por isso a pintura é na cor preta, escura, sem claridade, representado o luto. Mas, depois do sétimo dia chega a luz para quem fica e quem se foi.

segundo dia do outro que se foi? Mas foi preciso dialogar, ouvir a família enlutada, ouvir suas dores, suas ideias, o que eles nos propunham. Esse foi um aprendizado. Para Nicolau:

E desde o início já corria risco e depois cai de joelho três vezes. Primeiro, o meu irmão/primo me deixou na UPA pela COVID, o nome dele é Tadeu Tseredzerepe. Depois veio o meu irmão mais velho, que é primogênito da família, veio a falecer. E com a morte dele, veio me dar um presente inesquecível, pois foi logo no meu aniversário, dia 10 de setembro. Ele veio me dar um grande presente, pela morte dele, pela ausência que vai ficar daqui pra frente. Depois vem a minha mulher, me deixou, que a COVID levou, me deixando sozinho, tristeza na sequência. Depois que a saudade tomou conta da minha vida, jamais esqueci dela, da convivência, da conversa, porque não tem outra pessoa que eu possa conversar. Dai eu sofria sozinho. E a saudade é grande, e também não esqueço dos momentos que nós ríamos junto com meu irmão, comíamos junto na mesa, eu não ouvi os últimos pronunciamentos. (TRABALHO DE CAMPO, 2022).

Para nós Xavante é importante ouvir a última fala do parente antes dele falecer e a COVID-19 também nos tirou essa tradição, não pudemos ouvir nossos parentes antes da morte. O apoio também é importante, mas a comunidade toda estava sofrendo com muitas mortes e isso tornou mais difícil o apoio, Nicolau ressalta ainda que:

Depois que a COVID passou não tive apoio da comunidade na fala, no conselho, somente o Padre da missão veio me dizer que era preciso ter força para levantar e continuar o meu caminho. Que tudo vai acontecer com todos nós. E depois do falecimento da minha mulher, eu fiquei 4 meses em solidão, me isolei de tudo da minha comunidade, carreguei o peso sozinho sem dividir com ninguém. Preocupado com minhas filhas de como, de que jeito cuidar delas. Sendo homem e pai da família, não conseguiria cuidar das minhas filhas e nem de quem estiver dentro de casa. Quando estávamos juntos, nós conseguíamos cuidar das netas. Somente ela podia conversar com a nora, mais dificuldades. E mais dificuldade ainda que ela me deixou uma filha com problemas mentais, que eu não conseguiria cuidar, nem atender com as necessidade e problema que aconteceria com ela, eu não teria jeito. (TRABALHO DE CAMPO, 2022).

Josina¹⁰ conta que sua cunhada, Julieta *Mi'e*, só tem uma filha e quatro filhos. Sua filha única é casada e foi morar numa outra aldeia com seu marido. E durante a pandemia, ela voltou para cuidar de sua mãe que necessitava dela. E os irmãos dela se revezavam para cuidar da mãe. Ela teve problema nos dentes e ficou um bom tempo sem se alimentar. E quando soube que outros estavam morrendo de COVID, ela quis se

¹⁰ Narrativas orais, 2021.

cuidar, não sair de casa, porém, ela ficou acamada e foi muito rápido até morrer, porque ela já estava bem fraca e com diabetes.

Para Zenaide¹¹, antes da pandemia chegar na aldeia todos estavam muito bem, mas a COVID-19 foi chegando e começou a trazer a doença. “Percebemos que o Tio estava com COVID e ele foi tratado. Na segunda vez que ele [o tio] pegou, a COVID conseguiu levar ele. Porque na primeira vez que ele pegou, ele fez todo tratamento. Mas na segunda vez ele já não foi atrás do tratamento”. Relata que na segunda vez que foi acometido o tio disse estar cansado, que não podia mais curar e não buscou o tratamento. “E a noite pressionamos para levar ao atendimento médico, mas ele não quis. Às 10:30 da manhã seguinte ele veio a óbito. Depois só restou tristeza e muita dificuldade em casa”.

Segundo José Maurício¹², esposo de Zenaide, quando iniciou a pandemia os enfermeiros trouxeram o “tratamento aqui na família porque ocorreu a doença também. Quando a COVID levou um da família, nós ficamos muito tristes”. História similar tem a Gaudete, afirmando que antes da pandemia surgir na aldeia e antes da doença atingir sua família era só alegria. “Aqui na aldeia, como é tradição, rezávamos o terço em volta da aldeia, porém, quando chegou a pandemia ela veio com muita força. Antes de chegar estávamos muito bem”. Gaudete, ressalta ainda que:

Depois que a COVID entrou na aldeia, entrou também aqui na minha casa. E a minha neta, uma menina saudável, foi suspeitada pela COVID. Não sei explicar muito bem [porque isso aconteceu], porque a minha neta era da aldeia e nunca saiu para a cidade. E de repente ela sentiu alguns sintomas. Ela estava correndo, brincando junto com outras crianças e de repente sentiu fortes dores no peito e caiu em meus braços. Essa minha neta me chamava de mãe. Quando ela sentiu, correu até mim e eu percebi que algo de errado estava acontecendo. Aí eu perguntei [...], o que que você está sentindo? [Ela respondeu] Mãe, está doendo aqui, muito. Ela acenando para o peito. E junto veio uma febre muito alta. Aqui na aldeia não tínhamos ainda pessoas com COVID. Na outra aldeia, porém, já tinha feito óbito. E sem saber o que ela estava passando, tentamos tratar aqui em casa. Depois comecei a levar para enfermaria, a UBS atendeu, mas não queria levar para a cidade. Porém, a falta de ar aumentava e ela perdendo peso. Ela já não tava bem. Numa tarde eu levei para UBS e pediram que eu levasse para a cidade (TRABALHO DE CAMPO, 2022).

¹¹Narrativas orais, 2021.

¹² Narrativas orais, 2021.

Priscila¹³ fala com tristeza de que acompanhou até o momento da pandemia aquele homem que tinha habilidades para confeccionar acessórios para as festividades e era ágil para muitas coisas. “Acompanhei mais de perto tudo que ele fazia sozinho pelos seus filhos e tem vez que eu ajudava ele por sentir pena dele trabalhando sozinho. Ele teve muitos filhos. Porém consegui que todos eles participarem do rito de passagem”. Enquanto estava com saúde, prossegue ela,” ele fez de tudo que pode pelos seus filhos. Ele aproveitou muito bem estando bem de saúde, a cuidar dos seus filhos em todos os rituais da aldeia. Depois sozinha não podia fazer muitas coisas pelos meus filhos. Tem vez que eu chorava”.

Nicolau *Wadza'atiwe Tsipe* disse que contraiu a doença, mas nem soube porque não tinha conhecimento sobre os sintomas, só soube depois que fez o teste e que deu positivo. “Quando senti as dores no corpo, suor frio, ai parti para o tratamento da aldeia, fazendo a sangria, depois peguei algumas ervas, raízes, raízes bem amargas para dar pressão no sangue” (Nicolau). Depois que superou a doença, percebeu que a mulher estava sentindo os mesmos sintomas, e como ela já tinha problemas anteriores a internaram. Fizeram o teste nele e, dando negativo o encaminharam para acompanhar a mulher. Nicolau disse que:

Quando internada a mulher, eu parti para a crença, sendo responsável por conduzir o rito religioso da aldeia, pois só se consegue ter a força para curar a doença, comecei a pegar as ervas e raízes da aldeia, misturei com outras, lavando a mão com isso, fez a purificação das mãos para começar a tocar nas dores que a mulher estava passando. Eu lembro muito bem que eu tive também esse sintoma, porém não foi assim tão forte quanto a minha mulher. E acredito que a sabedoria das ervas como remédios ajudou muito ajudou bastante para que a comunidade pudesse ser medicada com ervas medicinais, cheiro forte, cheiro bom, porém tudo amargo, só se aplica quando se faz a sangria [...] remédio para picada de cobra, folhas amassadas de baru, e outras ervas que são coletadas nas beiras dos rios, tudo isso ajudou a recuperar quem estava com esses sintomas. Todas essas ervas me trouxe novamente a ser gente, com a força renovada. (TRABALHO DE CAMPO, 2022).

As palavras do professor Nicolau *Wadza'atiwe Tsipe* reforçam a importância do conhecimento indígena da sabedoria dos pajés e curadores, mesmo não acabando com a COVID-19, ajudou combater os sintomas da doença. Além das plantas evocamos todas as divindades, crenças para nos ajudar.

¹³ Narrativas orais, 2021.

Depois que a comunidade da nossa aldeia São Marcos, todos os familiares, tomaram as três doses, a vida e as atividades ficaram mais seguras. Depois tiveram as ondas, no qual as pessoas foram acamadas, porém, por pouco tempo, pois já tinham imunização feita pela vacina. Foi bem lenta a compreensão da importância das vacinas, aos poucos foram entendendo e entrando nas casas.

Um dos exemplos que posso citar foi com minha mãe que não queria tomar a vacina. Todos nós, de dentro de casa, tomamos, mas ela não queria. Minha irmã falou com ela:

Mãe, todo mundo tomou a vacina, eu, os netos, os filhos, não é bom a senhora ficar sem tomar, pois seremos o problema para a senhora estar aqui, nós tentando cuidar bem da senhora, mas a senhora não vai ter proteção nenhuma. Não vai virar jacaré, como o presidente falou isso. (GRIFOS DO AUTOR).

Minha mãe ouviu isso. Os anciãos ouviram isso, e mesmo assim não queriam se tornar jacaré depois de tomar a vacina. Minha irmã brincando disse: “Mãe, já tem cinco horas que tomei a vacina e não virei jacaré, amanhã o enfermeiro vai passar aqui em casa e a senhora vai tomar”. Foi quando minha Mãe resolveu tomar, mas disse que se ela passar mal, nós seríamos os responsáveis. A filha disse: “Não, a senhora não vai passar mal, eu tomei e não passei mal”. Então, aos poucos foram se convencendo, entendendo que a vacina, apesar de terem feito muitas informações contra a vacina, ela ajudou muito.

Josina¹⁴ comenta que depois da pandemia, os filhos de Juliete vinham visitar suas irmãs. Depois a filha única foi pra outra aldeia, levada pelo marido onde moram seus familiares. Ela ficou uma semana acamada a partir do dia 20 de maio e até dia 24 de maio ela faleceu. No dia que se celebra Nossa Senhora. Ela esteve com problema nos dentes e depois veio a COVID. Teve fortes dores no corpo e febre, foi rápido. Durante essa semana não se alimentava mais. Diferente do que era antes, quando se alimentava bem. Depois que ficou de cama, com febre, dores, falta de ar, só comia sopa. Mas Deus e o tempo é sempre companheiro nesses momentos difíceis. Segundo Nicolau:

¹⁴ Narrativas orais, 2021.

Depois do fato ocorrido, eu tentei me levantar, consegui vencer a COVID, e a COVID deixou essa lacuna. A ausência da mãe [...] e sozinho estou, com saudade, com dificuldade, porém estou novamente de pé. Para superar tudo isso. Eu fingia que tinha vencido toda essa batalha, mas dentro de mim sempre carrego as dores e perda da minha mulher, dos meus irmãos, que eu não consigo dividir com ninguém, e isso me dava tristeza, desânimo, porém sempre tive essa força de levantar novamente. Só de ver a nossa casa (morando juntos) me dava um desânimo, me trazia as recordações, e caía em choro. E quando vejo meus filhos choro muito, só de pensar como que eu vou cuidar daqui pra frente sozinho (TRABALHO DE CAMPO, 2022).

É ainda tudo muito recente e muitas famílias acometidas com a mesma fatalidade, Nicolau acrescenta:

Temos muitos homens que perderam suas mulheres para COVID e também mulheres que perderam seus esposos para COVID. E ninguém de homens e mulheres casou depois da morte do seu parceiro ou parceira. Não sei, talvez seja pela idade, ou talvez as pessoas veem os que tinham passado pela COVID. Talvez outro fator seja por sermos já adultos, com netos, não queriam que as jovens assumissem essa responsabilidade, porém é bom, por outro lado, porque é difícil esquecer a primeira parceira. Agora, depois que perdi a mulher, o meu trabalho está sendo dirigido, tudo que eu ganho pelo meu trabalho, do meu suor dentro da sala de aula, o meu trabalho incansável, é para manter a minha família que restou. (TRABALHO DE CAMPO, 2022).

Como disse Priscila¹⁵, o trabalho exercido pelo esposo, somente ele sabia fazer e por isso ficava com pena dos seus filhos porque ela não podia ajudá-los. “Tem vez que eu caía só de tristeza em pensar que eu não podia fazer nada. Pensando que quem vai trabalhar para eles quando tiver rituais na cultura. Só de pensar nele, eu silenciava”, ela diz também que:

Para eles participarem das festas comunitárias não tem alguém que possa fazer, preparar as cordinhas os acessórios. E ficava chorando por eles. Choro muito quando vem festividade, porém não consigo fazer mais nada. Eu ficava só com as lembranças, as boas recordações do passado, por ter um marido que faz tudo pelos seus filhos. E hoje sozinha, ninguém mais me ajuda e ajuda meus filhos. E continuei com meus trabalhos. Pegar fibras do mato, trazes pra cá e eles faziam as cordinhas, agora os filhos sozinhos, cada um está fazendo o que pode, para eles participarem também das festividades da aldeia. Quando lembro desse momento, das dificuldades, de não poder fazer mais nada, pensava como que eu posso trazer ele de volta. Traduza bem pra eles tudo que eu passo sozinha depois de ele me deixar sozinha, eu não tenho outra coisa a não ser cair de cama, me isolar de tudo, pensando nele.

¹⁵ Narrativas orais, 2021.

Haverá sempre um objeto, como a casa, um fato, como olhar para meus filhos e netos, mas determinados dias serão os mais difíceis, pois trará mais forte a lembrança de quem partiu desta forma tão rápida e cruel. Nicolau destaca que:

O mais difícil já está passando, e o tempo está me ajudando a superar. Porém, mês que vem quando chega o dia de finados, é um momento de lembrar, recordar de tudo, por ela. E antes do dia 2, terei que lembrar, no dia 17 de outubro a data que ela me deixou. Depois o aniversário dela, dia 8 de janeiro, e depois o casamento que fizeram no dia 24 de maio. Depois do nosso casamento, o nosso convívio, sempre foi de paz. E nós conseguimos trazer/criar 4 filhos. Ela cuidou muito bem dos filhos. Que esse seja o motivo de eu lembrar de tudo, pelo trabalho que fez pelo seus filhos (TRABALHO DE CAMPO, 2022).

Para Gaudete¹⁶ essa doença é muito perigosa. Ela que sentiu na pele todo o sofrimento com duas netas, assim expressou:

E o que ela fez com minha neta não esqueço jamais, porque ela me deixou em meus braços. Ela perdeu muito peso e sentia muita falta de ar. E nos últimos dias, ela já não puxava bem o ar para respirar. Ela me deixou em meus braços, assim começou a levar muitos de nossos idosos na aldeia, mulheres e homens. Essa doença chamada COVID é uma doença muito perigosa. Não tivemos condições de tratamento. E aqui em casa, mais uma vez, levou outra neta minha. E eu, muito preocupada com a doença da minha neta, deixei de cuidar da minha mãe, uma idosa aqui em casa, e ela também pegou COVID. Mas eu tive uma graça de ela se recuperar, mas a minha neta porém não pude. Essa é uma graça que Deus concedeu pra minha mãe. Assim aconteceu, as duas netas levadas pela COVID e minha mãe recuperada. E não pude questionar muito porque acredito que assim Deus quis.

No final da conversa com Nicolau ele elogiou a pesquisa e disse sobre a importância de ter os acontecimentos da COVID na Terra Indígena São Marcos registrados, sua pesquisa Cristovão conta tudo que aconteceu de verdade. Quero encerrar dizendo que meus filhos, minha mãe e meu pai morreram em 2018, hoje tudo que faço, trabalho e levo para casa é para os meus filhos, mas, quando fico sozinho a noite não consigo falar com mais ninguém, só converso com os livros, há muita dor dentro de mim que me crucificam.

¹⁶ Narrativas orais, 2021.

Considerações Finais

A saúde para nós é muito ampla. Porém, para os Xavante, ter saúde é participar de tudo, rituais, todas as festividades culturais, todas as realizações da aldeia, nos eventos tradicionais. A nossa presença, a nossa participação, sem se ausentar nesses rituais, é grande sinal de estar com saúde. Para eu poder participar dos rituais é preciso ter muito cuidado também na alimentação, produzir os meus alimentos e trabalhar para manter a minha saúde em dia e poder participar. É cuidar bem da nossa vida. Ser saudável na minha comunidade é estar participando das atividades culturais da aldeia. Antes que a doença chegue até mim tenho que prevenir e me cuidar.

Nossa saúde, práticas culturais, território e vida estão diretamente relacionadas a natureza que é o verde de onde vem todo ar puro para nossa respiração, para termos uma casa não muito quente. Manter a natureza nas margens dos córregos, dos rios é manter a nossa cultura, porque é na natureza que tudo extraímos, a sabedoria, a comida e a espiritualidade. A natureza nos oferece a caçada, a pescaria, todas as frutas, mantendo-nos alimentados por ela, bem como a transmissão da sabedoria pelos anciãos que acontece na natureza, na mata.

No território indígena Xavante existe o rio que chamamos de rio São Marcos. Esse pequeno rio, nasce dentro do território Xavante, lá na ponta da serra, vai descendo dentro do território Xavante até desaguar no Rio das Mortes. Nós preservamos esta água por que simboliza muito para os nossos rituais de purificação e de furação de orelha, quando da passagem de uma idade para outra.

A mudança de idade, fase, é um momento que conduzimos os jovens adolescentes para a casa de formação para obterem conhecimentos da vida, não da cultura porque esse aspecto eles vão praticando desde criança, mas da vida, pois a vida exige muitas coisas que a gente não está preparado. Na verdade, nunca estamos preparados para a vida por que ela sempre vai nos desafiar. Durante cinco anos os meninos ficam nessa casa, acompanhados de padrinhos, de toda a comunidade, dos pais, anciãos que sempre tem parcela de contribuição com seus conselhos, nos seus contos de lendas e mitos. É um momento muito importante para eles apreenderem, onde eles educam o ouvido para ouvir quem está falando.

Para nós Xavante a vida está alicerçada no respeito mútuo entre integrantes da aldeia para juntos celebrarmos o que faz parte da comunidade. Esse é o sentido da vida, viver na comunhão, viver na paz, viver na harmonia, não para criar ódio, criar desunião, falar mal dos outros e dividir a comunidade. E sim, viver unidos na comunhão, na partilha, na dor dos irmãos e na alegria dos outros.

Essa harmonia ocorreu até a chegada da pandemia da COVID-19. Foi uma doença tão forte que não tivemos domínio, cura, solução, uma doença cruel que matou tantas pessoas do nosso povo. Buscamos toda a nossa crença, toda a nossa experiência de ervas medicinais, achando que por elas pudéssemos nos salvar, voltamos para a prática antiga da cura de muitas doenças e muitas enfermidades, orações evocações e rituais. Folhas, raízes, sangrias, cavamos todo o nosso território, estragando a natureza na busca de raízes. A falta de ar, a febre alta em todos os momentos, dores no corpo, dores de cabeça, a tontura, a fraqueza, tudo isso venceu as nossas ervas medicinais.

O primeiro momento que começou a espalhar a notícia da COVID-19 aqui na aldeia, estava em Goiás-GO, porque havia começado as aulas do mestrado. Voltei para São Marcos e a aldeia já tinha algumas informações via mídia, televisão, noticiário, já ouviam sobre as mortes, a doença se propagando pelo mundo, mas o povo achava que não chegaria aqui na aldeia. Nós acreditávamos que dificilmente esse vírus chegaria na aldeia porque nenhuma pessoa aqui foi para o exterior.

Continuamos a vida normal na aldeia, com nossas atividades cotidianas. Quando percebemos a primeira morte que ocorreu em janeiro de 2020, nós ficamos confusos, porque a pessoa já tinha um problema de coração, tinha outras enfermidades, como diabetes. Porém, as enfermeiras da UBS, alertaram que realmente tinha chegado a COVID-19 em nossa região, mas não demos a real atenção para essa informação e não entendíamos a dimensão desse vírus.

Depois de dois meses, quando quatro pessoas já haviam sido levadas por essa enfermidade, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) se posicionou, fez um alerta formal em todas as aldeias, fazendo as visitas *in loco*, com orientação, pedindo para os caciques fechar o território, fizemos bloqueios e fechamos a entrada das pessoas. Já a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), demorou agir e repassar essas informações para a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), que chegasse de fato até as

aldeias e paralelo a desinformação e ao descaso do estado nossos parentes foram morrendo em uma velocidade nunca vista.

Mortes seguidas, de clãs diferentes, mudaram rapidamente e de forma violenta nossas práticas culturais da morte, da despedida, do enterro e do luto. A primeira foi não poder abrir o caixão para realizar o ritual. E mesmo não sendo permitido muitas famílias desrespeitaram e abriram os caixões intensificando a contaminação de mais pessoas. Além de abrir, como é da cultura, tocavam, e faziam todas as etapas do ritual de passagem. Rapidamente muitos infectados na aldeia e mortes seguidas, fizeram que as lideranças não mais permitissem agir como estavam agindo, abrindo os caixões, e só depois de algumas mortes que foi proibido mesmo na aldeia fazer isso.

É da cultura Xavante um clã fazer o sepultamento do outro clã e cobrar por esse ritual, com seus pertencimentos, alimentos e outros materiais de valores, porém, nunca com dinheiro. Com mortes tão frequentes esses pagamentos não foram sendo possíveis, até porque em uma mesma família morreu mais de 1 pessoa, o que ficou difícil pagar. Tivemos que mudar um pouco este entendimento, tivemos que ressignificar a forma de sepultamento e pagamento. A pandemia trouxe muita fome, ficamos fechados no território durante muito tempo, com muita falta de alimentos, e muita necessidade de sobrevivência.

E assim o clã que cavava a cova em uma semana, na outra eram reféns do mesmo caso e quem estava de luto precisava fazer a sepultura. Desse modo, o tempo do luto não era mais possível ser respeitado. Não cumprimos os dias certos de luto, porque precisamos também enterrar o ente do outro clã e não podia vir de outras aldeias, por que cada comunidade estava se protegendo.

Raspar o cabelo é sinal de estar de luto pela perda do ente para os familiares e parentes. Todos os parentes devem raspar porque acredita-se que como o cabelo deve nascer logo depois, assim a esperança pudesse reinar no meio da dor da perda. Todos da família devem raspar o cabelo, homens, mulheres e crianças.

É mesmo sabendo que a morte não é o fim, para nós Xavante deixamos de existir naquele lugar partindo para outro estágio da vida. Nós encaramos essa dor da partida com muita naturalidade, nos despedimos com a certeza de que um dia nos veremos novamente. Amamos todos da família e da comunidade e enquanto pudermos

fazer algo pelo outro, fazemos, porque depois da morte não se pode fazer mais nada. Choramos muito em ver tantas pessoas morrendo.

Dentro do nosso olhar, na comunidade, vemos de forma diferente a morte de criança, de adolescentes, de adulto e a morte de ancião. Tem a escala, onde nós temos um entendimento que, quando for um jovem, um bebê, uma criança, é menos dolorido para a comunidade, mesmo sendo uma perda para a família, mas a comunidade já entende de forma maneirada. Já a morte de ancião, alguém que conviveu muito tempo, teve suas contribuições nas festas, nos rituais, nas cerimônias, em tudo, teve um papel importante dentro da nossa organização cultural, nós temos uma perda enorme. Quando isso acontece, não tem alguém que substitui com sua sabedoria, assumindo a responsabilidade junto à aldeia com suas orientações e conselhos. Como nós indígenas falamos quando um ancião morre perdemos uma parte da nossa biblioteca.

Quando um deles tomba, sofre a aldeia toda e outras aldeias, pois tem os outros parentes também. Vem um peso maior para a comunidade. Nesse caso, a sepultura não é realizada somente pelos da aldeia, quando é morte de um ancião, os maiores, os adultos é que fazem a sepultura para expressar o respeito, a gratidão pela vida que ele passou, semeando as boas condutas. Em compensação disso aumenta o número de gente que fazem a sepultura, ficando mais difícil para os parentes o pagamento.

Mesmo com a vacina e o controle gradativo da doença e das mortes, a COVID deixou muitas consequências e mudanças socioculturais e familiares. Muitos dos anciões que morreram, apenas eles sabiam e tinham determinado conhecimentos sobre alguns rituais e com eles morreram esses ensinamentos, porque não preparam ninguém para dar sequência. Então esta lacuna ficou, é por isso que os rituais religiosos estão acontecendo, mas sem a condução de alguém que já estava preparado para isso.

Essa lacuna não se preenche de um dia para o outro, é um ritual que acontece de quinze em quinze anos. Nós temos agora um grupo recém iniciado de jovens e adolescentes, cinco anos depois eles vão passar pelo rito de passagem (furação da orelha), que não é rito religioso, e vamos esperar por dois anos para entregar outro grupo que vai passar cinco anos, depois que esses dois grupos passarem pelo rito de passagem é que vem este rito religioso onde a comunidade escolhe quem vai conduzir os próximos quinze anos.

Outra questão que a COVID-19 deixou como lacuna é que foi preciso assumir o compromisso com as famílias que tiveram o pai que foi levado pela doença e deixou seus familiares. Muitas ocorrências aconteceram, temos três pais que deixaram seus filhos sem parentesco para alguém assumir os familiares que ele deixou. Isso é um problema sério para a comunidade. Quando se tem um parente, facilita, pois eles assumem a responsabilidade, os tios se colocam no lugar do pai que deixou seus filhos, para cuidar, para dar atenção às famílias.

As famílias da aldeia ficaram muito abatidas, pois nós contávamos com todos para tudo na nossa comunidade. Essa doença não apenas tirou a família inteira, levando para outra comunidade, mas também três famílias deixaram de ser da nossa comunidade exatamente por isso. A comunidade inteira está compromissada em ajudar em tudo. Até nas visitas, nas conversas, e tudo que pudermos fazer estamos fazendo. Isso é muito gratificante.

A pandemia nos ensinou que nós precisamos ser esta comunidade que está sempre atenta à comunidade do outro. Nós não temos muito, nós também passamos necessidades, mas temos um momento, um dia que temos bastante, o suficiente, para, se possível, repartir também para os outros, isso a COVID mostrou bem claro para nós.

Um ancião, ao ver todo o envolvimento da aldeia em prol um dos outros disse: "que bom que a comunidade voltou lá pro passado". Por que ele falou isso? Os jovens não entenderam. Mas ele explicou que no passado, na comunidade, quem caçava mais repartia com todo mundo, quem pescava mais dividia com todo mundo, mas o contato com os brancos, fez com que aprendêssemos a sermos gananciosos, não repartir com os outros. A COVID veio ensinar novamente, nos levou para o passado, onde todos dividiam. Então é um ensinamento que está ali selado pra nós.

Referências

APIB - **Articulação dos Povos Indígenas do Brasil**. Disponível em: <https://apiboficial.org/2020>. Acesso em: 4 set. 2023.

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony E.; BOCHNER, Arthur P. Autoethnography: an overview. **Historical social research/Historische sozialforschung**, p. 273-290, 2011.

_____. **The Ethnographic I: A Methodological Novel About Autoethnography**. Walnut Creek: AltaMira Press, 2004.

_____. BOCHNER, A. P. **Autoethnography, Personal Narrative, Reflexivity: Researcher as Subject**. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *Handbook of qualitative research*. London: Sage Publication, 2000.

FALS BORDA, Orlando et al. **Investigación Participativa y praxis rural: nuevos conceptos en educación y desarrollo comunal**. Lima/Peru: Mosca Azul Editora, 1981.

GONÇALVES, Ricardo Junior de A. Fernandes. **Mineração e o cercamento das águas do Cerrado**. Disponível em: <https://midianinja.org/campanhacerrado/mineracao-e-o-cercamento-das-aguas-do-%20cerrado/> Acesso em: 14 jun. 2022.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GRAHAM, Laura. Xavante. **Povos indígenas no Brasil**. Publicado original em 2008, modificada pela última vez em 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xavante>. Acesso em: 30 maio 2022.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no Limite: Território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção**. RJ. Bertrand, 2014.

HARVEY, David. **A loucura da razão capitalista: Marx e o capital no século XXI**. Tradução de Artur Renzo. São Paulo: Boitempo, 2018.

HEIDER, Karl G. What Do People Do? Dani Auto-Ethnography. **Journal of Anthropological Research**, vol. 31, n. 1, p. 3-17, 1975. DOI: <https://doi.org/10.1086/jar.31.1.3629504>

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico**. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso: 4 set. 2023.

KOCK, Klara Friederike; GODOI, Christiane Kleinübing Godoi; LENZI, Fernando César. Discussão e prática da autoetnografia: um estudo sobre aprendizagem organizacional em uma situação de catástrofe. **Revista gestão organizacional**, v. 5, n. 1 - jan./jun., 2012.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. In: LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**, São Paulo: EPU, 1986.

MONDARDO, Marcos. Povos Indígenas e comunidades tradicionais em tempos de pandemia da Covid-19 no Brasil: estratégias de luta e r-existência. **Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia**, v. 55, n.155, 2020, p. 81-88. DOI: <https://doi.org/10.18055/Finis20364>

RAMOS, Beatriz. Relatório Técnico: Sobre a vulnerabilidade dos Xavante frente à pandemia de Covid-19. **Operação Amazônia Nativa**, 2020. Disponível em: <https://amazonianativa.org.br/2020/06/01/relatorio-tecnico-analisa-vulnerabilidade-%20dos-xavante-ao-novo-coronavirus/> Acesso em: 14 jun. 2022.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural**. 24(1):214-41, 2007. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2017.113972>

SAQUET, Marcos Aurelio. A Perspective of Counter-Hegemonic Analysis and Territorial Transformation. In: **Geographica Helvetica**, 73, pp. 347-355, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5194/gh-73-347-2018>

SESAI - Secretaria de Saúde Indígena. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/sesai>. Acesso: 12 out. 2023.

TSEREWARA, Luiz Tsarepre. **Medição de valores pela comunidade Xavante de Sangradouro**. 2017, 64 f. (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Contábeis) – Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal de Mato Grosso, campus de Cuiabá, 2017.

VERONESE, Osmar; ALMEIDA, Jaqueline Reginaldo de. O descaso com o direito fundamental à saúde dos povos indígenas no enfrentamento da pandemia de Covid-19: a consolidação de uma necropolítica no Brasil. **Pensar**: Revista de Ciências Jurídicas. Fortaleza, v. 26, n 3, p. 1-17, jul./ set. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5020/2317-2150.2021.11838>

Recebido em 21/08/2023.

Aceito para publicação em 14/09/2023.